

A IMPORTÂNCIA DO PRÉ NATAL NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Flávia Danielle do Nascimento Lins ^[1]; Thaynã Vitória dos Santos Alves ^[1]; Rosália Teresa Carvalho de Almeida ^[2].

^[1] flaviafaculdefap@gmail.com. Faculdade dos Palmares – FAP/ Graduanda em enfermagem.

^[1] thaay3300@gmail.com. Faculdade dos Palmares – FAP/ Graduanda em enfermagem.

^[2] rosaliacarvalho@faculdedospalmares.com.br. Faculdade dos Palmares – FAP/ Docente da FAP.

Resumo

Introdução: O pré-natal tem um papel fundamental tanto na prevenção e detecção precoce de patologias e agravos que influenciam no desenvolvimento saudável da gestação, quanto na preparação da mulher para a maternidade, através de ações educativas sobre os cuidados consigo e com o recém-nascido, incluindo orientações que possibilitem à mulher identificar, aceitar ou recusar condutas que lhe causem dor, constrangimento ou limitação da sua autonomia e protagonismo durante o parto e nascimento. **Objetivo:** Identificar a importância da assistência pré-natal para prevenção da violência obstétrica. **Metodologia:** Estudo descritivo tipo revisão da literatura, realizado entre março e maio de 2023, com pesquisa nas bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google acadêmico e Mendeley. **Resultados:** As ações de educação em saúde são fundamentais durante o pré-natal, oferecendo a gestante a oportunidade de se conscientizar sobre seus direitos, possibilitando devolver a autonomia e confiança as mulheres para que possam viver o parto de forma positiva. **Conclusão:** A pesquisa possibilitou ampliar os conhecimentos acerca do parto humanizado e a compreensão do pré-natal como uma importante estratégia para prevenir a violência obstétrica. Faz-se necessária a capacitação dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família para garantir o máximo de informações às gestantes, para que estas possam exercer a sua autonomia e liberdade de escolha no processo do parto.

Palavras-chave: Educação em saúde. Pré-natal. Violência obstétrica. Enfermagem.

Abstract

Introduction: Prenatal care plays a fundamental role both in the prevention and early detection of pathologies and problems that influence the healthy development of pregnancy, and in preparing women for motherhood, through educational activities on caring for themselves and their newborns. born, including guidelines that enable women to identify, accept or refuse behaviors that cause pain, embarrassment or limitation of their autonomy and protagonism during labor and birth. **Objective:** Identify the importance of prenatal care to prevent obstetric violence. **Methodology:** Descriptive study type literature review, carried out between March and May 2023, with research in databases: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Scholar and Mendeley. **Results:** Health actions are fundamental during prenatal care, offering pregnant women the opportunity to become aware of their rights, making it possible to restore autonomy and confidence to women so that they can experience childbirth in a positive way. **Conclusion:** The research made it possible to expand knowledge about humanized birth and the understanding of prenatal care as an important strategy to prevent obstetric violence, through health education. It is necessary to train nurses in the Family Health Strategy to guarantee maximum information to pregnant women, so that they can exercise their autonomy and freedom of choice in the birth process.

Keywords: Health education. Prenatal. Obstetric violence. Nursing..

Introdução

O acompanhamento pré-natal tem como objetivo assegurar o desenvolvimento da gestação, permitindo o parto de um recém-nascido saudável, sem impacto para a saúde materna, inclusive abordando aspectos psicossociais e as atividades educativas e preventivas (Ministério da Saúde, 2023).

Observa-se que o pré-natal contribui para a redução das complicações gestacionais que ocorrem durante o parto e pós-parto, devido ao acompanhamento periódico realizado por profissionais enfermeiro ou médico, cujas consultas se baseiam em conceitos de prevenção, promoção e vigilância em saúde. Portanto, na Unidade Básica de Saúde, é importante que o enfermeiro assista à gestante de forma integral e empática, com informações sobre os riscos de violência obstétrica durante o parto e pós-parto, para que a paciente esteja ciente de seus direitos (Rocha; Andrade, 2017).

As violências obstétricas são agressões provocadas por profissionais, que violem o corpo das parturientes, seus direitos e autonomia (Souza *et al.*, 2020). Compreende, portanto, qualquer atitude desrespeitosa, desumana, negligente e cruel, contra a parturiente e o recém-nascido, que provoquem danos psíquicos e físicos. São exemplos de violências obstétricas, o uso indiscriminado de ocitocina sintética, a manobra de Kristeller, a episiotomia sem indicação, exames de toques em excesso, ruptura manual do saco gestacional e entre outras condutas inapropriadas, consideradas violações contra a mulher (Moura *et al.*, 2018).

Com o intuito de melhorar a assistência materno infantil através de estratégias que visam

reduzir as violências obstétricas e consequentemente melhorar os desfechos do parto e nascimento, o Ministério da Saúde instituiu a Rede Cegonha, que incentiva e capacita os profissionais, que fazem parte dessa rede, a prestarem uma assistência livre de práticas violentas, com ações que vão desde o componente pré-natal até o puerpério, garantindo um serviço seguro as futuras mães. Uma das estratégias utilizadas no pré-natal para que as mulheres conheçam os seus direitos e se informem sobre os processos que podem ocorrer durante a gestação e o parto, foi a caderneta da gestante (Ministério da Saúde, 2023).

Os enfermeiros possuem conhecimentos científicos sobre as boas práticas de humanização do parto, sobre ofertar autonomia e empoderamento. Eles trazem segurança à parturiente e reduzem seus medos, anseios e sensações físicas, prestando assim uma assistência qualificada. Sendo assim, o objetivo dessa visão holística é proporcionar ao processo de parturição o máximo de conforto, segurança e respeito para com a paciente, pois entende-se que o parto é um momento onde a mulher é a protagonista e deve ter seus direitos ouvidos por toda a equipe assistencial (Gomes *et al.*, 2020).

Metodologia

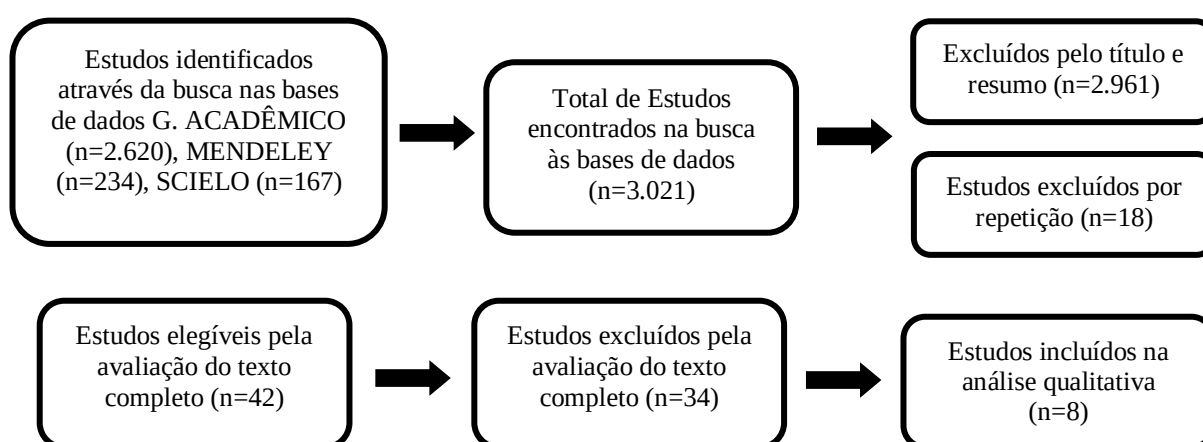
Trata-se de um estudo descritivo do tipo de revisão integrativa da literatura desenvolvida a partir da seguinte pergunta norteadora: Como a assistência pré-natal pode contribuir na diminuição da violência obstétrica? O método utilizado foi baseado na coleta de dados de pesquisas bibliográficas realizadas nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO),

Google acadêmico e Mendeley a respeito da importância da assistência pré-natal na prevenção da violência obstétrica. A busca foi feita no período de março a dezembro de 2023 utilizando os seguintes descritores: Educação em saúde; Pré-Natal; Violência obstétrica; Enfermagem.

Os critérios de inclusão foram: artigos originais publicados na íntegra abordando os

assuntos sobre o pré-natal e a importância da educação em saúde na prevenção de violência obstétrica, publicações realizadas nos anos de 2016 a 2023 e que estivessem disponíveis em português e inglês. Foram excluídos os artigos repetidos, os que não tinham acesso gratuito e os que não abordavam diretamente o nosso objetivo.

Figura 1 - Fluxograma das etapas seleção dos artigos para a revisão.



Fonte: Criação própria, 2023.

Resultados

Após leitura dos artigos, foi elaborado o quadro abaixo, com informações quanto à autoria do artigo, ano de publicação, título, objetivo do estudo e principais resultados.

TABELA: Resultados dos artigos selecionados.

AUTORES	TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADOS
Lansky S <i>et al.</i> (2019)	Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes	Analisar o perfil das gestantes que visitaram a Sentidos do Nascer, a sua percepção sobre violência no parto e nascimento e os fatores socioeconômico-demográficos e assistenciais associados ao relato de VO.	Entre as 555 mulheres entrevistadas na gestação e após o parto, 70 (12,6%) relataram que sofreram violência no parto e nascimento e 25 (4,5%) relataram não saber se houve violência. O desconhecimento interfere diretamente na sua autonomia diante da assistência ao parto, sendo assim, a exposição sentido do nascer contribuiu para o aumento do conhecimento das gestantes sobre VO.
Lins k <i>et al.</i> (2023)	Violência obstétrica: uma revisão integrativa	Identificar, no cenário obstétrico, as formas de violência vivenciadas por mulheres durante o pré-natal, parto e pós-parto, como também a visão e a	Nessa análise é possível identificar nas pesquisas realizadas no Brasil, que as mulheres têm seus direitos violados durante o parto e nascimento, enfatizando que o profissional deve ser capacitado para atender as necessidades

		contribuição da enfermagem nesse processo.	da parturiente, auxiliando em sua autonomia e conforto.
Morais e Bimbato (2022)	A atuação e importância da enfermagem obstétrica na promoção do atendimento humanizado	Mostrar a importância da assistência prestada pelo enfermeiro obstetra, para a promoção do atendimento humanizado, apresentando sua atuação e principais atividades.	O papel fundamental de um enfermeiro obstetra durante todo ciclo gravídico-puerperal, garantindo a segurança, o respeito e um cuidado holístico, diante dessa atuação é necessário a utilização de técnicas eficazes para que o trabalho de parto seja humanizado.
Souza JPS <i>et al.</i> (2021)	O papel do enfermeiro no ciclo gravídico-puerperal frente à violência obstétrica: uma revisão integrativa	Buscar na literatura o que as evidências científicas abordam sobre os tipos de violências obstétricas e o papel do enfermeiro.	Relata que a maioria das mulheres que sofreram alguma violência, não souberam identificar por acharem que era um ato normal da assistência, cabendo-se ao enfermeiro mudar a realidade e resgatar a autonomia e humanidade a parturiente como a protagonista do seu próprio parto.
Orso L <i>et al.</i> (2021)	Violência obstétrica: experiência da equipe multidisciplinar em saúde	Descrever a compreensão, a experiência e as proposições da equipe multidisciplinar em saúde em relação à violência obstétrica.	Enfatiza a importância do aprendizado da equipe de saúde, perante a assistência qualificada para que possam intervir e identificar as violências obstétricas. Incentivando a capacitação dos profissionais, através de atualizações com embasamento científico.
Makloul <i>et al.</i> (2022)	Atribuições do enfermeiro frente à prevenção da violência obstétrica	Realizar uma busca na literatura sobre a atuação do enfermeiro mediante a violência obstétrica, em conjunto com a adoção de possíveis medidas preventivas adotadas por esse profissional.	O impacto da atuação do enfermeiro durante todo o processo gestacional e de parturição, sendo um fator determinante para aumentar a segurança e o bem-estar, influenciando uma assistência integral e focada na redução de riscos materno-infantil.
Almeida G <i>et al.</i> (2023)	Violência obstétrica e a autonomia da mulher durante o período gravídico e puerperal	Analisar a autonomia da mulher e a existência da violência obstétrica em vários âmbitos que englobam o processo gravídico, desde o pré-parto até o pós-parto.	Este artigo descreve a falta de estudos acerca da temática de desrespeito, abusos, violências obstétricas e as consequências dessas ações na saúde da mulher. Percebendo que com o aumento da informação é possível identificar e denunciar as autoridades.
Brandão A <i>et al.</i> (2022)	Atuação do enfermeiro obstetra na prevenção da violência obstétrica	Descrever a importância do Enfermeiro Obstetra na prevenção da violência obstétrica.	Destaca a necessidade do acolhimento, escuta ativa e apoio físico e emocional as gestantes e parturientes. Ressaltando a importância de uma equipe multidisciplinar engajada a auxiliar e direcionar a mulher diante de todos os seus direitos.

Fonte: Criação própria, 2023.

Discussão

Brandão A *et al.* (2022) identificaram que uma assistência de qualidade deve ser fundamentada na promoção e prevenção da saúde, ressaltando que a educação em saúde é

indispensável para a compreensão das gestantes para o combate das violências obstétricas, fazendo com que estejam cientes de seus direitos. Portanto, as ações educativas são de grande importância durante todas as etapas da gestação até o puerpério e os profissionais de saúde

precisam ser educadores nesse momento tão significativo. É por meio do pré-natal que conscientizamos a gestante sobre os fatores de risco associados aos tipos de agressões e suas consequências, possibilitando devolver a autonomia e confiança as mulheres para que possam viver o parto de forma positiva, diminuindo os riscos de complicações no puerpério. (Dulfe *et al.*, 2017).

Segundo Maklouf *et al.* (2022) o fator determinante para um parto seguro e livre de maus tratos é o conhecimento, onde a mulher vai ter a capacidade de discernir o que é mais favorável diante do processo de parturição, possibilitando a autonomia e bem-estar, sendo o objetivo do profissional garantir que as condutas sejam realizadas conforme a necessidade, evitando qualquer intervenção desnecessária. Acrescido a isso, Carvalho *et al.* (2019) ressalta que o enfermeiro tem um papel fundamental no processo de humanização do cuidado diante da sua assistência prestada no pré-natal, garantindo que a gestante se sinta confortável diante das consultas e a ajuda na tomada de decisões perante o auxílio na maternidade.

Souza JPS *et al.* (2021) evidenciam que a maioria das mulheres não souberam identificar as ações de violências prestadas durante o atendimento no período gravídico-puerperal, responsabilizando o enfermeiro para a função de educador e orientador das gestantes aprimorando a autoconfiança e segurança diante das boas práticas. Almeida G *et al.* (2023) ainda afirma que existe uma escassez de estudos sobre esse assunto, colaborando com a falta de evidências científicas, ocasionando uma dificuldade na

disseminação das informações adequadas perante a assistência humanizada. Desse modo, ocorre um aumento de desinformação sobre os riscos e benefícios.

Caracteriza-se violência obstétrica toda e qualquer prática inadequada e que impeçam as mulheres decidirem os procedimentos adequados sobre seu próprio corpo (Moura *et al.*, 2018). Deste modo, a importância de conscientizar as mulheres sobre as práticas inadequadas que podem trazer riscos a sua saúde durante todo o acompanhamento. Morais e Bimbato (2022) observou-se que o papel fundamental do enfermeiro durante todo processo gravídico-puerperal, é baseado na redução de riscos e na ampliação da segurança diante da liberdade de escolha da gestante, buscando uma experiência positiva, cabendo ao profissional garantir uma atenção especializada e focada nas necessidades da parturiente, com isso, se faz necessário utilizar técnicas que tragam a humanização e o respeito em todos os processos de um cuidado holístico. Corroborando com isso, Orso L *et al.* (2021) traz a importância de que uma equipe multidisciplinar deve ter embasamento científico, para assegurar uma atenção integral e qualificada possibilitando a identificação e intervenção precoce das violências obstétricas.

Lansky S *et al.* (2019) durante entrevistas realizadas com 555 mulheres, tanto durante a gestação quanto após o parto, constatou-se que 70 delas (12,6%) relataram ter vivenciado violência no momento do parto e nascimento. Além disso, 25 mulheres (4,5%) afirmaram não estar certas se foram vítimas de violência. Essa falta de conhecimento direto sobre eventuais

situações de violência impacta diretamente na autonomia das mulheres diante do processo de assistência ao parto. Esta evidência está de acordo com Lins K *et al.* (2023) afirmando que as pesquisas conduzidas no Brasil têm um resultado lamentável diante dos desrespeitos durante o processo de parturição, dando ênfase no atendimento humanizado. Entretanto é importante destacar alguns tipos de violências obstétricas para melhor conhecimento dessas gestantes, pois como visto, 4,5% dessas mulheres não tem a certeza do que pode ser uma V.O, para isso, segue abaixo alguns exemplos mais vistos durante todo esse processo:

1. Uso indiscriminado de ocitocina sintética
- O uso do soro intravenoso é prejudicial para a parturiente pela dificuldade de preambulação, levando a perda da autonomia e de relaxamento do corpo. Dessa maneira, é uma prática desnecessária em partos de via natural, mas que ainda é utilizada com a justificativa de que será um meio de hidratação e facilitação para a medicação. Entende-se que a ocitocina acelera o trabalho de parto aumentando a frequência e a intensidade das contrações uterinas. Sendo assim, deve ser usada de maneira ponderada, pois com a administração errada pode ocasionar consequências como a ruptura do útero devido ao grau das contrações, infecção intracavitária, prolapso de cordão umbilical, prematuridade iatrogênica, sofrimento ou morte fetal e falha na indução (Leite; Souza, 2019).

2. Não autorizar um acompanhante de livre escolha vontade da mulher no trabalho de parto – De acordo com a Lei 11.108, de 7 de abril de 2005, a gestante tem total direito de ter um acompanhante, alguém com quem ela se tranquilize e tenha total segurança, assim facilitando o processo de parto (Rocha; Leite, 2021)
3. Restrição hídrica e alimentar – O trabalho de parto é um processo que dura várias horas, com isso, entende-se que se gasta muita energia durante as contrações uterinas, entretanto é indicado que a parturiente se mantenha alimentada com comidas leves e para que permaneça hidratada, ingerir um nível maior de líquidos, pois haverá perdas através do suor, assim facilitando o trabalho de parto. Infelizmente, nas instituições de saúde, é comum que a paciente fique em restrição hídrica e alimentar, pois em casos de intercorrências, haverá uma facilidade de preparar a gestante para eventuais procedimentos e anestesia (Leite; Souza, 2019).
4. Impedir a livre movimentação no trabalho de parto – De acordo com a Portaria nº 1.067 de 2005, os profissionais de saúde devem respeitar a decisão da gestante sobre o local e a posição durante o trabalho de parto a qual a paciente se sinta confortável, porém de acordo com os artigos encontrados, a mulher ainda não tem total autonomia em ter sua decisão e que opiniões que mais contam são escolhas

médicas, pois para eles possibilitam uma melhor visibilidade da genitália feminina e permite maior manuseio durante o procedimento (Leite; Souza, 2019).

5. Episiotomia - A episiotomia corresponde a um corte realizado no pudendo feminino e na vagina com o objetivo de facilitar a saída do bebê, visando um parto mais rápido e afim de evitar lacerações vaginais. Apesar de não se ter embasado científico, esse método é muito utilizado rotineiramente no parto natural. Afim de orientar as mulheres a respeito desse e de outros procedimentos o Senado Federal lançou o Dossiê da Violência Obstétrica, para apoiar as mulheres que lutam contra a violência obstétrica. O uso frequente da episiotomia pode ocasionar diversas complicações como: rotura do períneo, deiscência, abscesso, dispareunia incontinência das evacuações, entre outras. É importante lembrar que esse procedimento pode causar alterações cicatriciais para o resto da vida, o que pode dificultar a vida sexual da mulher (Leite; Souza, 2019).
6. Manobra de Kristeller - A manobra de Kristeller é um procedimento utilizado em cerca de 37% dos casos e consiste na aplicação de uma pressão sobre a parte superior do fundo do útero, porém como a força utiliza não pode ser dosada, ela pode acabar levando a partos distócicos e prováveis episiotomia e/ou lacerações (Leite; Souza, 2019).

Conclusão

O estudo possibilitou observar que o pré-natal é de fato um meio efetivo para a prevenção de violência obstétrica. Dessa forma, a educação em saúde é um fator determinante para reduzir o desconhecimento das mulheres e contribuir para a diminuição da taxa de mortalidade materno-infantil. A capacitação dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família, sobre essa temática, é fundamental para empoderar as gestantes de conhecimentos sobre o processo de trabalho de parto e parto, dos riscos e benefícios das práticas adotadas, devolvendo a autonomia e a liberdade de escolha à parturiente.

Referências

- ALMEIDA, G. R. *et al.* Violência obstétrica e a autonomia da mulher durante o período gravídico e puerperal. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, [S. l.], n. 1, v. 4, p. 88-95, 2023.
- BRANDÃO, A. *et al.* Atuação do enfermeiro obstetra na prevenção da violência obstétrica. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, [S. l.], n. 2, v.3, p. 1-16. 2022
- CARVALHO, S. S.; OLIVEIRA, B. R.; BEZERRA, I. S. A. Importância das orientações sobre trabalho de parto nas consultas de pré-natal: revisão de literatura. **Revista Educação em Saúde**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 142-150. 2019.
- GOMES, C. M.; OLIVEIRA, M. P. S.; LUCENA, G. P. O papel do enfermeiro na promoção do parto humanizado. **Revista Recien**, São Paulo, v. 10, n. 29, p. 180-188. 2020.
- LANSKY, S. *et al.* Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 24, p. 2811-2824, 2019.
- LEITE, I. M. S.; SOUZA, D. H. A. V. Violência obstétrica: o relato de uma dor. **Revista**

interscientia, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 162-180, Jan./Jun. 2019.

MAKLOUF, C. C. *et al.* Atribuições do enfermeiro frente à prevenção da violência obstétrica. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 1-10, 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Caderneta da Gestante. 8º ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <<https://aps.saude.gov.br/biblioteca/visualizar/MjE2NQ==>>.

MORAIS, T. C.; BIMBATO, A. M. J. A atuação e importância da enfermagem obstétrica na promoção do atendimento humanizado. **Revista Saúde**. [S. l.], v. 18, n. 2, p. :2707-2714, 2022.

MOURA, R. C. M. *et al.* Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Enfermagem em Foco**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 60-65. 2018.

ORSO, L. F *et al.* Violência obstétrica: experiência da equipe multidisciplinar em saúde. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1-15. 2021.

ROCHA, A. C.; ANDRADE, G. S. Atenção da equipe de enfermagem durante o pré-natal: percepção das gestantes atendidas na rede básica de Itapuranga – GO em diferentes contextos sociais. **Revista Enfermagem Contemporânea**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 30-41, abr. 2017.

ROCHA, G. S. H; LEITE, I. C. L.; SOUSA, H. R; QUEIROZ, P. S. S.; BARBOSA, M. S. N. Violência obstétrica e sua influência na saúde da mulher. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. e493101523290, 2021.

SOUZA, J. P. S. *et al.* O papel do enfermeiro no ciclo gravídico-puerperal frente à violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, [S. l.], v. 13, p. p. 1-7, 2021.

LINS, K. Z.; BRITO, J. S.; ASSUNÇÃO, A. F. C.; SOUZA, M. C. D.; SILVA, N. K. L. G.; COSTA, R. R. S. Violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1695-1705. 2023.

DULFE, Paolla Amorim Malheiros et al. A assistência obstétrica ao parto e nascimento na percepção das mulheres. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 5402-5416, 2017.